

Psicanálise e a Mediação Literária no Clube do Livro Maranhão

Fernanda Marília Carolina Araújo

Instituição: Escola Superior de Artes Célia Helena

E-mail: fernanda.mcaraujo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4779-740>

Resumo: O artigo analisa a articulação entre psicanálise e mediação literária a partir das experiências do Clube do Livro Maranhão (CLM). O objetivo principal é evidenciar como a mediação literária pode atuar como ferramenta de desenvolvimento pessoal, promoção do hábito de leitura e reflexão crítica, articulando educação, sensibilidade e subjetividade. A metodologia é qualitativa, baseada em vivências do CLM, com enfoque na escuta ativa, no respeito à diversidade e no acolhimento das subjetividades leitoras. O referencial teórico abrange autores como Jung, Manguel, Petit e Ferreira, unindo conceitos de psicanálise (projeção, arquétipos, inconsciente coletivo) e biblioterapia à prática da leitura mediada. Os resultados apontam que, ao estimular a expressão emocional e a troca de experiências, a mediação promove um ambiente seguro e formativo. O CLM se destaca por seu caráter interdisciplinar, com encontros presenciais e virtuais que combinam literatura, justiça restaurativa e escuta empática. O estudo destaca ainda a adaptação da metodologia em Santa Inês/MA, onde a mediação foi integrada ao contexto escolar, ampliando seu alcance e potência transformadora. Conclui-se que a mediação literária, quando sensível às necessidades dos leitores, pode acessar dimensões conscientes e inconscientes, contribuindo para uma formação cidadã e crítica. Porém, caso o foco terapêutico se intensifique, é necessária a capacitação do mediador.

Palavras-chave: Mediação literária; psicanálise; leitura; biblioterapia; Clube do Livro Maranhão.

Psychoanalysis and Literary Mediation at the Maranhão Book Club

Abstract: This article analyzes the relationship between psychoanalysis and literary mediation based on the experiences of the Maranhão Book Club (CLM). The main objective is to demonstrate how literary mediation can act as a tool for personal development, promoting the habit of reading and critical reflection, and articulating education, sensitivity, and subjectivity. The methodology is qualitative, based on CLM experiences, with a focus on active listening, respect for diversity, and welcoming reading subjectivities. The theoretical framework includes authors such as Jung, Manguel, Petit, and Ferreira, combining concepts of psychoanalysis (projection, archetypes, collective unconscious) and bibliotherapy with the practice of mediated reading. The results indicate that, by stimulating emotional expression and the exchange of experiences, mediation promotes a safe and formative environment. CLM stands out for its interdisciplinary nature, with in-person and virtual

meetings that combine literature, restorative justice, and empathetic listening. The study also highlights the adaptation of the methodology in Santa Inês/MA, where mediation was integrated into the school context, expanding its reach and transformative power. It is concluded that literary mediation, when sensitive to the needs of readers, can access conscious and unconscious dimensions, contributing to civic and critical education. However, if the therapeutic focus is intensified, the mediator needs to be trained.

Keywords: Literary mediation; psychoanalysis; reading; bibliotherapy; Maranhão Book Club.

Psicoanálisis y Mediación Literaria en el Club Del Libro de Maranhão

Resumen: El artículo analiza la articulación entre psicoanálisis y mediación literaria a partir de las experiencias del Club del Libro de Maranhão (CLM). El objetivo principal es destacar cómo la mediación literaria puede actuar como herramienta de desarrollo personal, promoviendo el hábito de la lectura y la reflexión crítica, articulando educación, sensibilidad y subjetividad. La metodología es cualitativa, basada en experiencias CLM, con foco en la escucha activa, el respeto a la diversidad y la acogida de las subjetividades de los lectores. El marco teórico abarca autores como Jung, Manguel, Petit y Ferreira, combinando conceptos del psicoanálisis (proyección, arquetipos, inconsciente colectivo) y de la biblioterapia con la práctica de la lectura mediada.

Los resultados muestran que, al estimular la expresión emocional y el intercambio de experiencias, la mediación promueve un entorno seguro y formativo. El CLM se destaca por su carácter interdisciplinario, con encuentros presenciales y virtuales que combinan literatura, justicia restaurativa y escucha empática. El estudio también destaca la adaptación de la metodología en Santa Inês/MA, donde la mediación se integró al contexto escolar, ampliando su alcance y poder transformador. Se concluye que la mediación literaria, cuando es sensible a las necesidades de los lectores, puede acceder a dimensiones conscientes e inconscientes, contribuyendo a la formación cívica y crítica. Sin embargo, si el enfoque terapéutico se intensifica, es necesario capacitar al mediador.

Palabras clave: Mediación literaria; psicoanálisis; lectura; biblioterapia; Club del Libro de Maranhão.

INTRODUÇÃO

Conforme a evolução da sociedade humana, a necessidade de formalização da leitura e da escrita se tornou uma exigência inevitável. Com a popularização da leitura, os escritos se tornaram objetos de entretenimento, crítica social, manifestos políticos e outros exemplos de registros sociais da época em que eram veiculados. Com isso, o hábito de ler se tornou uma atividade mundialmente difundida e presente na vida escolar e cotidiana.

Por meio da globalização e do desenvolvimento de tecnologias como a TV, os *smartphones* e as redes sociais, a população encontrou novos meios de obter informações, que são absorvidas e interpretadas mais rapidamente, acompanhando o ritmo acelerado do dia a dia.

Sob essa perspectiva, se instaurou a problemática da carência de leitura nas escolas. A ausência da capacidade de interpretação de enunciados, um vocabulário oral e escrito pobre, bem como o baixo teor de arcabouço teórico em informações pertinentes à vida são, em geral, consequências advindas da pouca leitura. Nesse sentido, as esferas educacionais têm se mobilizado a fim de amenizar ou mesmo erradicar esse cenário nas redes de ensino brasileiras.

Como proposta de intervenção, a mediação de leitura se configura como uma ferramenta aliada ao fomento do hábito de ler dentro e fora da escola, visto que é uma atividade que não se limita apenas ao âmbito educacional. A atividade consiste na leitura prévia de uma obra literária e, posteriormente, a partir da moderação de um mediador, as vivências, observações e considerações feitas sobre a narrativa são expostas de forma organizada, sequenciada e respeitosa perante diferentes pontos de vista.

Nesse norte, visa-se evidenciar a relevância instrumental da mediação de leitura, no contexto em que se insere, na formação de leitores livres. O enfoque teórico consiste na interação colaborativa entre mediador, leitores participantes e obra. Como resultado parcial dessa etapa do estudo, constata-se a carência de práticas de leitura efetivas na educação básica atual para a qual se direciona a atividade mediadora como um mecanismo ativo, transformador e eficaz.

SOBRE A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As histórias acompanham a evolução humana desde os primórdios, do nascimento à morte. Mas elas não apenas divertem, informam ou angustiam. Elas

mostram o que é certo ou errado e ensinam quem somos, de onde viemos e quem podemos imaginar ser.

A história da narrativa é tão antiga quanto a história humana. Uma vez que a compreensão do homem está amplamente relacionada à narrativa, especialmente ao conceito de relocação, o que significa ser capaz de se referir a eventos pertencentes a um tempo e lugar diferentes da comunicação contínua, esta é uma abordagem considerável ao se olhar para os primeiros exemplos narrativos (Sisto, 2010). A maior contribuição para o estudo da compreensão das comunidades primitivas do mundo é apresentar os princípios vivos de hoje. Os dados etnográficos têm uma contribuição significativa para essa questão, que entrou no assunto da antropologia, apesar de o interesse pelos povos primitivos ter entrado em debate somente nos séculos XV e XVI (Sisto, 2010).

A narração de histórias por meio da tradição oral remonta a diferentes momentos históricos, dependendo da cultura. Machado (2004, p. 31) atesta que:

[...] Essas tradições usam canções, cânticos e poesia épica para contar histórias que foram transmitidas de geração em geração e eventualmente escritas e publicadas. Os mitos também foram transmitidos oralmente.

Por exemplo, os mitos nas Américas são mais comuns entre as culturas orais. O contador de histórias é o elemento-chave dessa dinâmica. É ele quem articula a narrativa, quem organiza os materiais, quem se desdobra em multifaces para desempenhar papéis diferentes e ainda assim se manter fiel à estética da obra. Sobre a importância do contador de histórias, Jung (2008, p. 90) constata que:

[...] a origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provoca nos ouvintes. Estes contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. Não os preocupava a origem das suas fantasias; só muito mais tarde é que as pessoas passaram a interrogar de onde vinha uma determinada história.

Ele pode ou não se fantasiar, usar adereços visuais e/ou sonoros para ilustrar determinados trechos da história. Ele modula a voz em tons altos e baixos para passar determinadas sensações e se movimenta por todo o espaço, tudo em prol

da criação de um ambiente fantástico onde a plateia seja hipnotizada e condicionada a querer ouvir mais, e conseqüentemente ler mais. Acerca do poder da ludicidade no momento da contação de histórias, Rodrigues (2015, p. 65) afirma que:

[...] o conhecimento desenvolvido por meio da arte cênica essencial para contar histórias é uma teia de possibilidades, ideias e criatividade interconectadas que atravessam vários domínios, criando novas maneiras de “aprender” e “apreender” o mundo que está contido nas histórias, contextualizando-o com o momento histórico vivido pelo contador e pelo público que compartilha a história.

A influência de uma boa contação da narrativa de uma história nas pessoas é incalculável. Ela pode atrair a atenção dos ouvintes, gerar inquietações, fazer rir e construir novos conhecimentos. Os agentes da contação podem usar essa estratégia como um recurso importante para treinar novos leitores.

Assim, o objetivo da narração vai além do entretenimento, visa idealizar a crítica do público, a qualidade do canal de acesso aos ouvintes e o valor moral. Seu principal interesse é abrir portas e mostrar o caminho para novos livros e novas histórias. Ela traz fascinação, ludicidade, encanto e estimula a curiosidade e a compreensão do mundo pelas pessoas.

Percebe-se, pois, que a natureza das histórias possui uma essência própria que transcende o tempo, quem as transmite e recebe. A narrativa das histórias molda momentos e constrói a identidade de um povo e de uma nação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA

Segundo Manguel (1997), já existe um processo de interpretação dos símbolos no cognitivo humano antes da colocação deles sobre uma superfície:

[...] mesmo em sociedades que deixaram registros de suas passagens, a leitura precede a escrita; futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-los no papel. Para a maioria das sociedades letradas, ler está no princípio do contrato social (Manguel, 1997, p. 20).

Desse modo é possível que o processo de decodificação de códigos que, não necessariamente era formado por letras, mas por ações, comportamentos, organização de objetos e outros métodos, possa ter surgido antes da formalização de um meio de escrita.

Corroboram ao pensamento de Manguel (1997) os estudos de Yunes (2002) que afirmam a existência de uma narração que pudesse ser lida antes mesmo do desenvolvimento da escrita. Essa leitura pode ser encontrada através da observação de pinturas rupestres e outros sinais da manifestação da leitura pré-escrita.

[...] uma primeira questão se desdobra da ilusão de que a leitura seja corolário da escrita e de que antes dos sumérios, com suas tábulas de barro, a experiência da leitura não existia. Basta lembrar as cavernas de Lescaux ou Altamira para poder admitir-se que há mais que imagens avulsas, há uma narratividade naquelas representações e, portanto, uma leitura que as precede (Yunes, 2002, p. 13).

Manguel (1997, p. 50) enfatiza ainda mais o ato da leitura como uma prática humana enraizada no ser mesmo antes da produção da primeira escrita, ao afirmar que:

[...] no momento em que o primeiro escriba arranhou e murmurou as primeiras letras, o corpo humano já era capaz de executar os atos de escrever e ler que ainda estavam no futuro. Ou seja, o corpo era capaz de armazenar, recordar e decifrar todos os tipos de sensação, inclusive os sinais arbitrários da linguagem escrita ainda por ser inventados (Manguel, 1997, p. 50).

A análise histórica da atividade humana de leitura demonstra um progresso contínuo ou, segundo Fischer (2003, p. 8), “[...] estágios sucessivos de

maturação social”. Enquanto outrora domínio de poucos privilegiados, a capacidade individual de ler e acessar textos sempre foi e, atualmente, ainda é considerada fundamental para o progresso pessoal e social.

Quanto a isso, Yunes (2002, p. 16) afirma que “[...] ler é um ato homólogo ao ato de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de forma crítica e desautomatizada. Quem não sabe pensar, mal fala, nada escreve e pouco lê”. Por ser um ato que requer um amplo desenvolvimento cognitivo, a leitura era vista como um ato de prestígio e de acesso apenas de poucos, a quem a ação de ler desempenhava um papel imprescindível e de grande encargo. Como destaca Manguel (1997, p. 37):

[...] o escriba sumério, para quem a leitura era uma prerrogativa muito valorizada tinha um sentimento mais intenso de responsabilidade do que o leitor de hoje em Nova York ou Santiago, pois um artigo da lei ou um acerto de contas dependia de sua exclusiva interpretação.

Manguel (1997) propõe, ainda, um afastamento entre a história da leitura e a história da literatura, pois afirma que antes mesmo do início da produção literária de determinado autor tomar vida e forma, as interpretações de sua poética, postulados teóricos e conceituações filosóficas já se encontram em sua essência, e que essa que pode vir a repercutir décadas após sua publicação. Sobre isso, Manguel (1997, p. 37) comenta que

[...] a história da leitura também não corresponde às cronologias da história da literatura, pois a história da leitura de um determinado autor encontra muitas vezes um começo não com o primeiro livro desse autor, mas com um dos primeiros leitores dele.

A leitura amplia a comunicação oral humana e, como a linguagem é uma função cognitiva, amplia as capacidades intelectuais. Historicamente, os humanos liam pelas mesmas razões pelas quais leem atualmente, isto é, para acessar informações e participar da cultura. As pessoas se comunicam (escrevem, falam, ouvem, veem, gesticulam) para se beneficiar da conexão com outras pessoas (direta ou indiretamente). Em geral, acessar informações é ser integrante partícipe de um

aprendizado diário; é experimentar a essência da conexão social, sentir uma motivação humana fundamental e essencial para a sobrevivência individual e o desenvolvimento coletivo.

Embora a interpretação social da leitura tenha evoluído ao longo dos milênios, as funções do ato de ler parecem transcender o tempo e o lugar; a leitura fornece acesso individual a experiências, conhecimentos e informações culturais acumuladas. Historicamente, inúmeras inovações aumentaram o acesso ao texto e esse maior acesso é tanto a causa quanto a consequência do aumento contínuo das expectativas da sociedade de que os indivíduos podem e irão ler.

Ler é um ato pessoal e intransferível. Cada leitura provoca uma sensação diferente em quem lê. Cada leitor reage de acordo com a provocação que aquele texto lhe provocou, e desse modo, a leitura vai cumprindo seu papel de promotora de inquietações, descobertas e informações.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIAÇÃO DE LEITURAS

A leitura parece não ser uma prática prazerosa para a maioria dos estudantes do ensino educacional básico e é vista como um *hobbie* enfadonho, nada dinâmico e cansativo. Em vista principalmente dos novos adventos tecnológicos, o folhear atento das páginas de um livro se tornou um exercício pouco atrativo. Sobre essa realidade, Petit (2013, p. 21-22) comenta que:

[...] nos dias de hoje, temos a impressão de que o gosto pela leitura deve abrir um caminho entre o “proibido” e o “obrigatório” [...]. “Os jovens não leem nada”, “se lê cada vez menos”, “como fazer para que leiam?”. E poderíamos nos questionar sobre os efeitos complexos, ambivalentes, desses discursos alarmistas e convencionais de elogio à leitura.

A autora atribui esse fenômeno ao fato de que a modernidade trouxe consigo uma obrigatoriedade pelo ato de ler em detrimento da liberdade de escolha dos jovens em querer ou não exercitar a leitura:

[...] “Você deve gostar de ler”, ou, em outras palavras, “você deve desejar o que é obrigatório”. Esses discursos deixam pouco espaço para o desejo, estão muitas vezes carregados de angústias, e a criança ou o adolescente o sentem. “Sei que eu deveria ler”, “sei que não leio muito”. Estamos em uma situação de obrigação, segundo o qual deveriam ler para satisfazer os adultos. A busca pela leitura, que para as gerações anteriores foi um gesto de resistência, é percebida por uma parte dos adolescentes com um gesto asséptico, de conformismo, de submissão (Petit, 2013, p. 22).

De acordo com Ramos (2011, p. 23), mediar uma leitura é conduzir as pessoas, “[...] arranjando e organizando situações para que sejam capazes de ver, conhecer, compreender, aprender o que foi articulado por outrem, por vezes pelo leitor em situações anteriores”. Nessa perspectiva, o mediador não conta a história sozinho, ele tece uma situação comunicacional na qual o público contribui com os seus comentários sobre a obra. A função do mediador é conduzir e relacionar esses diálogos e pontos de vista a um espaço de discussão onde não há certo ou errado, apenas interpretações subjetivas distintas, todavia, complementares.

Na mediação de leitura várias estratégias são utilizadas para atrair a atenção dos ouvintes. A principal delas são indagações diretas e indiretas, que podem ser desde as características temporais e locais da obra, o contexto histórico em que se insere e sua contribuição para a sociedade da época em que foi publicada até questionamentos filosóficos sobre o comportamento das personagens, suas motivações e como vincular isso com práticas humanas a fim de estabelecer uma conexão entre ficção e realidade. Portanto, é possível observar a mediação como um mecanismo de produção de ideias e reflexões coletivas.

Mediante os apontamentos de Barros, Bortolin e Silva (2006, p. 17), é possível apreender que mediar “[...] é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente”. Assim, o principal objetivo da mediação de leitura é nortear os leitores à descoberta da leitura como uma prática saudável e promover a conexão entre o texto e o leitor. Destaca-se, novamente, a imprescindibilidade da presença de um mediador que conecte as ideias abertas.

Na mediação, o público já tem conhecimento da obra em destaque e, por isso, é constantemente instigado a contribuir com a descrição dos eventos sob uma ótica mais analítica e menos descritiva. Ou seja, a mediação não vê como prioridade a decodificação do texto de modo que o leitor saiba cada passagem, cada fala, cada episódio e cena memorizado. Muito menos a passagem meramente contemplativa dos acontecimentos da obra. Pelo contrário, a análise é viva e visa penetrar no subconsciente do narrador até encontrar a raiz da questão. Segundo Jung (2008, p. 98):

[...] as próprias palavras que usamos serão vazias e destituídas de valor. Elas só ganham sentido e vida quando se tenta levar em conta a sua numinosidade – isto é, a sua relação com o indivíduo vivo. Apenas então começa-se a compreender que todos aqueles nomes significam muito pouco – tudo o que importa é a maneira porque estão relacionados conosco.

Quais são as problemáticas sociais evidenciadas pelo livro? Qual a relação da obra fictícia com a nossa realidade? Como o comportamento das personagens impacta no julgamento de valor das pessoas? Qual o objetivo do narrador em ter usado essa construção frasal para se referir a determinado indivíduo, local ou tempo? Indagações como essas são as que fomentam a curiosidade, a busca no âmago da obra por respostas que, muitas vezes não têm solução, e por isso o debate, a contraposição de ideias, a adição de descobertas é capaz de chegar na possível intenção seja do autor ou da voz que rege a narrativa.

Além disso, dada a necessidade de conversar sobre esses livros com familiares, amigos e conhecidos, a internet serve como lupa para encontrar outras pessoas que também sentem a necessidade de ler e conversar sobre essas histórias. Como bem indicou Krenak (2022, p. 37), “[...] estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis”.

Entretanto, ainda que o espaço virtual seja interessante, a necessidade do encontro presencial, com pessoas inseridas no mesmo território, fomenta o campo

fértil para a mediação de leitura. Nesse contexto, o Clube do Livro Maranhão apresenta uma forma de mediação que atesta a flexibilidade do mediador, pela pluralidade de conhecimentos, diversidade de pessoas, objetivando o estabelecimento de um espaço seguro para trocas.

Nesse sentido, o mediador precisa ser aberto para a condução das conversas, pois, conforme pontua Maria (2016, p. 112), “[...] hoje, qualquer profissional precisa estar sempre pronto a construir novos saberes, a fazer certa tarefa diferente do modo como fazia, até ali, a trocar de posições e, principalmente, a absorver as novidades sem cara feia”.

Ademais, o mediador também precisa verificar as necessidades do seu público leitor, como bem aponta Maria (2016, p. 112-113): “[...] se o desinteresse existe, busque as causas. Porque a solução pode estar na leitura da literatura: essa espetacular maneira de se ampliar horizontes”.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIAÇÃO LITERÁRIA NO CLUBE DO LIVRO MARANHÃO

A mediação, fomentada pelo Clube do Livro Maranhão (conhecido por CLM)¹, possibilita a troca de experiências e vivências durante os encontros, o que impulsiona a participação, o entendimento do objetivo do encontro e o respeito pelo espaço pessoal de cada integrante. Além disso, durante a prática, os leitores conseguem partilhar experiências próprias, de modo que a conversa nunca é só sobre o livro, mas sobre as pessoas, aspecto que após o encontro, perdura na psique de cada um. Conforme Jung (2008, p. 23):

[...] além disso, há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais, a sensações visuais e auditivas, tudo isto, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente estes

¹ Um coletivo cultural, criado em 28 de março de 2010, que reúne leitores comuns e promove debates. Para mais informações, consulte o site oficial: www.clubedolivroma.com.

fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância). Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos desde que não conhecemos a natureza extrema da matéria em si.

A mediação literária do Clube do Livro Maranhão objetiva abrir rotas de fuga para que o pensamento flutue livre de “certos” e “errados” e longe de premissas estereotipadas de interpretação nas quais há sempre uma resposta no final da análise pronta para ser desvendada. Assim, a mediação permite que a resposta seja o próprio processo, a experiência das múltiplas percepções elaboradas.

Por tal razão, o Clube do Livro Maranhão foi reconhecido como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura², já foi pauta³ de diálogo veiculado nas rádios do estado, esteve presente em debate *online* no projeto Rotas e Redes Literárias do Centro de Referência de Educação Integral, foi matéria no Jornal O Imparcial, que circula pelas cidades maranhenses, e destaque na página oficial do Instituto Pró- Livro (IPL), em razão da fundadora do projeto ter sido nomeada Embaixadora da Leitura devido à ação formativa de leitores no Maranhão.

Todos esses destaques recebidos nas mídias impulsionam ainda mais as ações sociais desenvolvidas pelo projeto, pois o Clube do Livro Maranhão vê na mediação literária um caminho para a formação de cidadãos autênticos e bem instruídos.

A TRAJETÓRIA DO CLUBE DO LIVRO MARANHÃO

² O CLM foi certificado como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura em 18 de outubro de 2016, conforme os critérios estabelecidos pela Lei Cultura Viva nº 13.018/2014. Disponível em: <https://mapas.cultura.gov.br/selos/sealrelation/120>.

³ Vide notícias no site oficial: <https://www.clubedolivroma.com/search/label/Clipping>.

O Clube do Livro Maranhão através da interdisciplinaridade⁴, analisa a relação entre a mediação, os leitores participantes e o livro, pontuando a evolução de cada encontro, conforme as temáticas trazidas pelo grupo.

Diante do imaterial⁵, o Clube do Livro Maranhão tem por objetivo uma maior compreensão sobre a relação dos participantes em cada encontro, sendo o livro o elo condutor para as conversas, que podem ser efêmeras ou duradouras.

Inicialmente, os encontros eram mensais, entretanto, pelo crescimento do coletivo e dos seus participantes, os encontros passaram a ser bimestrais, sendo metade dos encontros de forma presencial e a outra metade de forma online, sempre aos sábados, tudo para que as pessoas, de outros municípios ou que estivessem em trânsito, conseguissem participar.

A base dos encontros é o diálogo, embasado no respeito, para que a comunicação seja plena, tanto no falar quanto no ouvir. Assim, a mediação de leitura é apontada como modalidade focada em debate de ideias, a fim de evidenciar sua relevância instrumental no que concerne à formação e expansão da experiência de leitores comuns.

Com o conhecimento das práticas de Justiça Restaurativa⁶, determinados elementos auxiliam a mediação literária para a interação das pessoas durante o encontro, por isso, o uso de um objeto como instrumento de fala⁷ norteia a prática do Clube do Livro Maranhão, pois, conforme Pranis (2011, p. 15), “[...] somente a pessoa segurando o objeto da palavra pode falar. Permite ao detentor do objeto falar sem

⁴ Segundo Fazenda (2015), a interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requer a conjugação de diferentes saberes disciplinares sejam de ordem prática e/ou didática. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente sem nenhuma linearidade ou hierarquização que subjugue os profissionais participantes.

⁵ Segundo o Dicionário Online de Português, um dos significados atribuídos ao termo “imaterial” é “o que não se consegue tocar” (Imaterial, 2009).

⁶ Segundo o portal do Conselho Nacional de Justiça (2023), a Justiça Restaurativa: “[...] visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos que geram dano, concreto ou abstrato são solucionados de modo estruturado”.

⁷ O instrumento de fala é um objeto que é passado de mão em mão, no sentido horário ou anti-horário, quando os participantes estão em círculo, sendo que quem segura esse instrumento tem o poder da fala e os demais o poder da escuta.

interrupção e permite aos ouvintes se focarem em escutar, sem se distrair pensando numa resposta ao que está falando”.

Essa importância do falar e do ouvir, a disposição dos participantes em círculo para se olharem e serem vistos, a necessidade de percepção das pessoas com todos os sentidos, além da importância do tempo reservado para participação do encontro do Clube do Livro Maranhão, trouxeram um sentimento de pertencimento para os envolvidos, além da necessidade de manutenção de um espaço seguro para conversas sinceras. E isso não traduz a ausência de ideias divergentes ou que todos os participantes gostaram da experiência. Longe disso.

O que o Clube do Livro Maranhão propõe é a possibilidade de conversas reais, havendo respeito entre as relações, através da escuta ativa e da empatia, como bem pontua Krenak (2022, p. 32): “[...] o desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação”.

Nesse contexto, muitas pessoas participaram do Clube do Livro Maranhão e algumas perceberam que o coletivo não era o que esperavam, seja pela ausência de conexão durante o encontro ou por não gostar da prática de mediação realizada. E tal aspecto é avaliado não só pelo formulário que é disponibilizado para todos que participam dos encontros, mas durante o desenvolvimento da mediação.

Enquanto coletivo, o Clube do Livro Maranhão busca cativar o leitor comum, aquele que experimenta a leitura e a partir dela se interessa em compartilhar e conhecer experiências *de* e *com* outros leitores, envolvidos na dinâmica grupal para que ele possa vir a ser o leitor literário, ou seja, aquele que se propõe a explorar além das leituras corriqueiras; que questiona os mistérios da vida e busca as respostas nas páginas dos livros; que interage com as informações apreendidas e as utiliza na vida real, que tem apreço por constructos e significações mais profundos que exijam o exercício da interpretação na busca da compreensão e, por fim, um leitor literário que

se compraz em suas leituras e torna esse deleite uma prática presente e recorrente em seus afazeres pessoais.

Durante a jornada, o Clube do Livro Maranhão recebeu algumas certificações, sendo reconhecido como Coletivo Cultural pelo Ministério da Cultura em 2016 e 2023, além das edições do Prêmio Magno Cruz de Direitos Humanos nos anos de 2019 e 2020.

Essa experiência de anos foi elaborada pelos contextos da cidade de São Luís do Maranhão e pelos municípios da região metropolitana da capital, tais como Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa.

Desse modo, além do repertório conceitual, a bagagem prática pelas mediações no Clube do Livro Maranhão possibilitou a seleção de um público-alvo com faixa etária mais elevada, condizente com o desenvolvimento dos encontros durante os últimos três anos. Ainda nessa observação, a busca quantitativa de leitores foi transformada em busca qualitativa de leitores, pelos encontros com até trinta pessoas apresentarem maior participação e interação, em relação aos encontros que completaram mais de cem pessoas ou eventos que atingiram mais de trezentas pessoas.

MUDANÇAS ESTRATÉGICAS NA MEDIAÇÃO DO CLUBE DO LIVRO MARANHÃO EM SANTA INÊS

A observação apurada da prática do Clube do Livro Maranhão indicou a seleção de um público-alvo com faixa etária mais elevada, condizente com o desenvolvimento dos encontros durante os últimos três anos. Ainda nessa observação, a busca quantitativa de leitores foi transformada em busca qualitativa de leitores, pelos encontros com até trinta pessoas apresentarem maior participação e interação, em relação aos encontros que completaram mais de cem pessoas ou eventos que atingiram mais de trezentas pessoas.

Já no território de Santa Inês/MA, a implantação de um clube de leitura para alunos de uma unidade escolar do ensino médio foi alterada pela necessidade dos professores da unidade, que ao compreenderem a forma da mediação literária do Clube do Livro Maranhão, observaram que a conversa, através do livro, acessava as necessidades dos participantes, abordando temas até então escondidos ou temidos, o que atende aos dispositivos da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), além do teor da Lei n.º 14.819/2024 (Brasil, 2024), que instituiu a Política de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, o que impulsionou a necessidade de mutação do projeto para a comunidade escolar.

Diante das observações dos professores, além da proatividade dos alunos, o projeto em Santa Inês não poderia ser um clube de leitura, mas vivências de mediação literária, produção de vídeos roteirizados, mesclando conhecimentos adquiridos pelas práticas de mediação literária e Justiça Restaurativa, além de depoimentos, para que não fosse um caminho fechado, mas um recorte que pode ser replicado em sala de aula, outro espaço formal ou informal, afinal, o desconhecimento pode gerar a violência, a falta de comunicação pode gerar o rompimento e a falta de interesse pode gerar a apatia.

A PSICANÁLISE COMO INTEGRANTE DA MEDIAÇÃO DO CLUBE DO LIVRO MA

Como já mencionado, a mediação de leituras promove encontros, debates e relações entre os participantes, o que pode ser terapêutico, inclusive existindo uma vertente da prática, conhecida como Biblioterapia que, conforme Ferreira (2008, p. 36), é vista como um “[...] processo interativo, resultando em uma integração bem-sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais”.

Desse modo, diante da complexidade da mente humana, o leitor pode projetar seus sentimentos, pensamentos, desejos ou necessidades em um personagem, o que é diretamente relacionado ao conceito de projeção de Freud, aprimorado por Jung (2008, p. 220) é: “[...] primeiro, a imagem pode ser apenas uma projeção, o que significa que a imagem onírica é um símbolo de um aspecto interior qualquer do próprio sonhador”. Além disso, o leitor também pode acessar informações ancestrais e ampliar as suas fantasias, ao ler determinada história, o que também é congruente com o conceito de arquétipo⁸ de Jung.

Ainda no campo das emoções, diante dos sentimentos internos, o participante⁹ da mediação do Clube do Livro Maranhão reflete sobre a leitura conforme o seu estado de espírito, entretanto, ao relacionar a sua experiência individual com as experiências dos demais leitores, conforme Jung (2008, p. 130), é inserido no plano coletivo sensorial: “[...] em outras palavras, a sua identidade é temporariamente destruída ou dissolvida no inconsciente coletivo”.

Diante da relação dos conceitos, a Biblioterapia aparece como prática que relaciona a psicanálise com a literatura, podendo ser aplicada como complementação para a educação formal, conforme Ferreira (2008, p. 40):

[...] como se pode ver, este tipo de Biblioterapia é utilizada para complementar a educação formal, através de discussões orientadas e leitura dirigida. É aplicada como uma terapia por alguém especificamente treinado para isso, e em caráter preventivo. É aplicada de preferência em grupos homogêneos, com os mesmos interesses, e principalmente, na mesma faixa etária.

Na dianteira do indicativo terapêutico da Biblioterapia, não é essa a vertente utilizada pelo Clube do Livro Maranhão, pois não há no coletivo corpo

⁸ Segundo Jung (2008, p. 69), “[...] é preciso que eu esclareça, aqui, a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas. São as estas manifestações que chamo arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo — mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes da migração.

⁹ Vide depoimentos de integrantes do CLM. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PLbMHI2edh5Tb01HNCujfcOOv1Y1V7g9Q_.

técnico especializado para as ações e reflexões mais profundas da mente humana. Apesar disso, a mediação do CLM constrói um espaço sensível, para conversas, experiências e sensações, que pode ser relacionado ao acesso da mediação literária no consciente e inconsciente, que Jung (2008, p. 37) indica como poder da mente e a complexidade do inconsciente:

[...] muitas pessoas superestimam erradamente o papel da força de vontade e julgam que nada poderá acontecer à sua mente que não seja por decisão e intenção próprias. Mas precisamos aprender a distinguir cuidadosamente entre o conteúdo intencional e o conteúdo involuntário da mente. O primeiro se origina da personalidade do ego; o segundo, no entanto, nasce de uma fonte que não é idêntica ao ego, mas à sua "outra face". É esta "outra face" que faz a secretária esquecer os convites.

[...] O que expliquei até aqui a respeito do inconsciente não passa de um esboço superficial da natureza e do funcionamento desta complexa parte da psique humana. Mas talvez tenha feito compreender o tipo de material subliminar de que se podem, espontaneamente, produzir os símbolos dos nossos sonhos. Este material subliminar pode consistir de todo tipo de urgência, impulsos e intenções; de percepções e intuições; de pensamentos racionais ou irracionais; de conclusões, induções, deduções e premissas; e de toda uma imensa gama de emoções. Qualquer um destes elementos é capaz de tornar-se parcial, temporária ou definitivamente inconsciente.

Assim, a constatação de Jung (2008, p. 107) indica que o inconsciente possui um processo próprio, sendo a base da consciência, que funciona mesmo que o conteúdo não seja mais refletido de forma consciente, o que pode ser retratado pela presença dos sonhos, após leitura e prática de mediação, de forma a acessar o inconsciente coletivo: “a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade”.

Sob essa ótica, Jung (2008, p. 71) já indicava a necessidade de reflexão das ações do ser individual, considerando o espaço coletivo que ocupava: “[...] apesar de sua maneira específica de expressão ter características mais ou menos pessoais, o seu esquema geral é coletivo”. Assim, tal fato é diretamente vinculado ao propósito da mediação literária, justamente pelas temáticas abordadas serem desenvolvidas de forma individual e coletiva, que reflete na leitura da realidade da pessoa.

Desse modo, considerando que a prática de mediação no Clube do Livro Maranhão já valorizava os diversos conhecimentos dos participantes, tal característica é congruente ao estudo de Jung (2008, p. 75), pelo respeito não só do estudo científico, mas do simbólico, fomentando uma pluralidade de possibilidades:

[...] os arquétipos são, assim, dotados de iniciativa própria e também de uma energia específica, que lhes é peculiar. Podem, graças a esses poderes, fornecer interpretações significativas (no seu estilo simbólico) e interferir em determinadas situações com seus próprios impulsos e suas próprias formações de pensamento. Neste particular, funcionam como complexos; vão e vêm à vontade e, muitas vezes, dificultam ou modificam nossas intenções conscientes de maneira bastante perturbadora.

Nessa conjuntura, a conexão entre Educação, Direito e Psicanálise é plenamente possível, pois através da mediação de leituras, existem conversas significativas, que serão desenvolvidas continuamente, em razão do espaço ser construído para os debates, além do respeito pela pluralidade de conhecimentos, sendo a sensibilidade do mediador fator primordial, especialmente quando o seu objetivo é a utilização do livro como elemento propulsor de conversas, além de analisar o início, o meio e o fim do processo de mediação, objetivando o desenvolvimento dos presentes.

A possibilidade de o processo de mediação de leituras ser sensível é real, pelo acesso da consciência e inconsciência dos participantes, entretanto, se esse for o objetivo principal da prática, o mediador deverá ser capacitado, tanto pela conceituação da Biblioterapia quanto pela atenção psicossocial dos participantes.

Além disso, diante da valorização da segurança psicossocial, o campo para a reflexão e o surgimento de outras práticas é vasto, principalmente pela mutabilidade de ações, em prol da interação, do desenvolvimento e da reflexão dos participantes.

Por fim, além de uma grande reflexão sobre a prática da mediação literária, a psicanálise de Jung possibilitou um olhar renovado sobre a complexidade humana, que retoma a valorização do conhecimento primordial e sensível,

relacionado ao conhecimento científico, para reflexões individuais internas e externas, além dos pensamentos internos e externos para análise da realidade posta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a evolução da humanidade, a narração de histórias indicou momentos históricos importantes, além de apontar a construção a construção dos povos que, buscaram a leitura como forma de aquisição de conhecimento.

Entretanto, diante da evolução da sociedade, além da facilidade de acesso tecnológico, aquisição de informações rápidas e pluralidade de conhecimentos, as pessoas passaram a acreditar que a leitura era algo complexo ou enfadonho, sendo necessária a mediação literária para aproximação dos possíveis leitores com as respectivas leituras.

Assim, pela mediação literária realizada pelo Clube do Livro Maranhão usar o livro como conector para conversas, diante da interação, desenvolvimento e reflexão dos participantes, houve uma conexão com conceitos apresentados por Jung, tanto pela experiência da mediação, possibilidade do leitor acessar o instinto e o arquétipo, durante a leitura e/ou durante a prática de mediação, além das trocas de experiência que possibilitam a expressão do inconsciente coletivo.

Além disso, há a possibilidade de a mediação literária acessar, de forma incisiva, a consciência e inconsciência dos participantes, entretanto, se esse for o objetivo principal da prática, o mediador deverá ser capacitado para utilização da Biblioterapia, pela necessidade de resguardar a saúde psicossocial dos participantes.

Por fim, além de uma grande reflexão sobre a prática da mediação literária, a psicanálise de Jung possibilitou um olhar renovado sobre a complexidade humana, que retoma a valorização do conhecimento primordial e sensível, relacionado ao conhecimento científico, para reflexões individuais internas e externas da realidade posta.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. H. T. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 mar. 2025.

BRASIL. Lei n.º 14.819, de 16 de janeiro de 2024. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. **Diário Oficial da União**, 17 jan. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 16 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069compilado.htm. Acesso em: 13 dez. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Justiça Restaurativa. **CNJ**, 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/justica-restaurativa/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: didática e prática de ensino. **Revista Interdisciplinaridade**, n. 6, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/22623/16405>. Acesso em: 24 jan. 2025.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, 2008. DOI: 10.20396/etd.v4i2.620. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 19 jan. 2024.

IMATERIAL. **Dicio**, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imaterial/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



MACHADO, R. **A arte de contar histórias**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, L. de. **O clube do livro: ser leitor: que diferença faz?** São Paulo: Global, 2016.

PETIT, M. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PRANIS, K. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador**. Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul; Departamento de Artes Gráficas, 2011. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/data/files/16/17/27/34/65A9C71030F448C7860849A8/Circulos%20de%20Justica%20Restaurativa%20e%20de%20construcao%20da%20paz.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

RAMOS, Ana Claudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <https://www.ppe.du.uel.br/es/mas/tesis-de-maestria-doctoral/tesis-de-maestria/category/14-2011>. Acesso em: 13 dez. 2023.

RODRIGUES, E. B. T. Incentivo à leitura, contação de histórias e a formação de professores: um relato de experiências. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, v. 8, n. 1, 2015, p. 64-69. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282070633_INCENTIVO_A_LEITURA_CONTAÇÃO_DE_HISTÓRIAS_E_A_FORMAÇÃO_DE_PROFESSORES_UM_RELATO_DE_EXPERIÊNCIA. Acesso em: 18 jan. 2024.

SISTO, C. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

YUNES, E. **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002.